

INTERVENÇÃO NO COLÓQUIO "O SERVIÇO DIPLOMÁTICO  
PORTUGUÊS: DO 25 DE ABRIL À ACTUALIDADE E PERSPECTIVAS  
DE FUTURO"

1. Agradeço à Associação Sindical dos Diplomatas Portugueses o amável convite que me dirigiu para intervir neste Colóquio intitulado "O serviço Diplomático Português: do 25 de Abril à actualidade e perspectivas

de futuro" e falar sobre a "A recuperação da imagem internacional de Portugal".

2. Devo começar pelo princípio. Portugal, antes do 25 de Abril, era um país tolerado - Salazar disse que estávamos "orgulhosamente sós" - e isolados internacionalmente. Internamente o País estava bloqueado. Quando qualquer dos nossos representantes da época, falava na ONU, o auditório esvaziava-se.

3. Por sermos uma das poucas ditaduras da Europa Ocidental e, também, por causa das guerras coloniais e do modo, cruel e desumano, como as fazíamos. Portugal, nesse tempo, só mantinha relações diplomáticas com os países da NATO e, mesmo assim, com dificuldades crescentes e também com os países da América Latina, Japão e pouco mais. Não tínhamos relações com os países do Bloco Soviético nem com a maioria dos chamados "não alinhados" nem, obviamente, com os países africanos independentes. Curiosamente, tínhamos relações com CUBA.

4. Estávamos expulsos da UNESCO e tínhamos relações difíceis com outras Agências Especializadas e com a própria ONU. Os órgãos mais importantes da imprensa internacional - nomeadamente os americanos - eram-nos, sistematicamente hostis.

Entrámos na ONU, desde 1955, mercê de, como reconheceu Salazar, "um jogo de trocos menores". Éramos uma ditadura opressiva, obscurantista e colonialista, sem qualquer prestígio externo e criticada pelos próprios aliados, como: a América de Kennedy, a Alemanha de Brandt e de Schmidt, a Inglaterra de Wilson e a própria França de Giscard d'Estaing...

5. 25 de Abril foi uma revolução completamente inesperada para aliados e adversários. Escapou ao controlo da América e dos Soviéticos, em plena guerra-fria. Foi um fenómeno realizado sem qualquer apoio externo, sem conhecimento alheio, só por portugueses: pelos militares, cujo terreno foi preparado - reconheça-se - pelos resistentes civis.

Foi o fracasso das "guerras coloniais" - que duraram 13 anos - que levaram os capitães de Abril a revoltar-se. O descrédito total da Ditadura - em que já ninguém acreditava - fez o resto. A Ditadura caiu como um fruto pôdre, sem ninguém que a defendesse. Marcelo Caetano enfiou-se no quartel da G.N.R, ao Carmo, e rendeu-se (a seu pedido) ao General António Spínola, que com o seu livro "Portugal e o Futuro", se tornara uma referência.

6. A Revolução dos Cravos, saudada em toda a parte - como uma revolução progressiva, pacífica, sem efusão de sangue - tornou-se um acontecimento mundial. Pelo seu carácter inesperado e pela aparente facilidade com que ocorreu. Samuel Huntington, o conhecido historiador e político disse no seu livro, a Terceira Vaga, que a Revolução Portuguesa foi a primeira ocorrida que precedeu a "Terceira Vaga" das chamadas "transições democráticas" no Mundo. Mas a Revolução dos Cravos não foi uma transição, foi uma verdadeira ruptura, uma Revolução vitoriosa depois de 48 anos de Ditadura. Uma Revolução de sucesso, que acabou bem e conseguiu realizar os seus objectivos.

7. A imagem de Portugal mudou radicalmente desde então. O Mundo convenceu-se de que Portugal ia conceder a independência a todas as suas Colónias - que era uma revolução anti-colonialista e democrática, no sentido europeu da palavra. Com efeito, Portugal tem hoje relações diplomáticas com todos os países do Mundo, é membro de pleno direito da União Europeia, vai fazer vinte e quatro anos, tem participado e participa em missões humanitárias e de paz, é um país respeitado pela sua história, pela sua cultura, impregnada do humanismo universalista, e pelo seu

presente, defensor dos Direitos Humanos e dos seus deveres internacionais. É um país que, tradicionalmente tem sido de grande emigração, e é hoje um país que recebe grande número de imigrantes vindos de variados lugares do Mundo: Roménia, Bulgária, Ucrânia, Brasil, Colômbia, Angola, Moçambique, Cabo Verde, Guiné, Senegal, Paquistão, China, entre outros...

8. Permito-me contar alguns episódios como mero testemunho pessoal:

- No dia 16 de Maio de 1974 - dia em que foi dada posse ao I Governo Provisório, presidido pelo Prof. Palma Carlos - entrei pela primeira vez no Ministério dos Negócios Estrangeiros, na qualidade de Ministro. Tinha grande parte do corpo diplomático à minha espera, curioso e alguns, talvez, aterrados. Fiz dois discursos sucessivos, explicando que a política portuguesa, nomeadamente a externa, iria mudar 180°. Toda a gente aceitou, com naturalidade. Foi, de resto, dos poucos ministérios em que não houve saneamentos. E - note-se - não tive, nos meses que ali estive nenhuma razão de queixa de qualquer diplomata. Antes pelo contrário: todos cumpriram a nova linha política que defini para a política externa portuguesa.

- Nessa mesma tarde, entrou no espaço aéreo português o avião pessoal do Presidente Senghor, para me transportar a Dakar. Foi um acontecimento insólito e antes nunca visto. Encontrei-me, então, com o futuro Presidente Aristides Pereira, dirigente do PAIGC, sob a égide do então primeiro ministro do Senegal, Abdou Diouf. Nessa madrugada assinámos o primeiro acordo de cessar fogo na Guiné. Foi o primeiro passo concreto no caminho da descolonização.

- Em Setembro de 1974 fui a Nova York para falar na Assembleia das Nações Unidas. Foi um acontecimento. A extensa sala estava completamente cheia e em expectativa. Anunciei, em nome do Presidente da República e do Governo a nossa resolução firme de fazer a descolonização de todos os territórios, conforme as repetidas recomendações da ONU e num tempo record. Assim sucedeu. Pouco depois, acompanhei o Presidente da República Costa Gomes numa visita a Washington e às Nações Unidas, onde usou da palavra.

- Num tempo também record restabelecemos as relações diplomáticas com todos os países do Bloco Soviético, com quase todos os não alinhados e com a Índia, governada então pela Senhora Gandhi. Ao todo com 26 países. E recebemos inúmeras visitas de políticos em Lisboa, entre os quais a do Secretário Geral das Nações Unidas, Kurt Waldheim, em 2 de Agosto de 1974.

9. Quer dizer que os governos provisórios romperam o isolamento diplomático de Portugal, mudaram radicalmente as nossas políticas externa e interna, transformaram a imagem de Portugal no Mundo e galvanizaram a sociedade portuguesa para as grandes tarefas do futuro: a descolonização, a democratização e o desenvolvimento. Este último - tendo nós estado duas vezes à beira da bancarrota - foi consolidado com a entrada de Portugal na então CEE, como membro de pleno Direito, em 1985.

10. Antes, Portugal esteve à beira da guerra civil, no chamado PREC, o que suscitou uma enorme curiosidade - e receio - na cena internacional sobre Portugal, não só na Europa, que seguiu esse processo à lupa, mas em toda a parte.

11. A imagem de Portugal mudou radicalmente e tem vindo a consolidar-se, desde aí na linha então traçada. Hoje Portugal é um país prestigiado e muito respeitado na comunidade internacional, defensor dos Direitos Humanos e que tem sido chamado a prestar diversas missões de paz e humanitárias, como ainda há dias sucedeu em Timor Leste, onde a GNR, ao serviço das Nações Unidas, prestou relevantíssimos serviços. A última presidência portuguesa da União Europeia, aliás na linha das anteriores, constituiu um êxito assinalável e assinalado pelos nossos parceiros europeus.

12. É certo que os portugueses, têm o hábito, que vem de longe, de dizer mal da sua própria Pátria. Já D. Carlos chamava a Portugal a "piolheira"... O estrangeiro é sempre melhor do que o nacional. Ora frequentemente não é. É preciso reagir contra essa tendência. É urgente fazê-lo. Há que estimular o gosto - e o orgulho - em ser português e o amor pelas nossas coisas: nomeadamente pelo património natural, histórico e artístico e pela nossa cultura e língua. Isso será bem melhor - se for realizado com bom senso e inteligência - do que fazer campanhas de marketing com grandes cartazes inúteis de gosto duvidoso...

A imagem de um país depende da forma como convive com os outros Povos e como os acolhe. Da sua maneira de estar no Mundo e, essencialmente, da sua cultura, história, costumes, da

sua paisagem natural (ordenamento do território) e do génio do seu Povo. Que o tem! E bem singular.

Muito obrigado.

Mário Soares

Assembleia da República, 14 de Fevereiro de 2008